

ANCHIETA, POETA

AIRES DE MONTALBO

Não há dúvida: era um grande poeta o jovem canarino, saído de Coimbra e chegado ao Brasil em 1553. E poetava, com surpreendente facilidade, em quatro línguas diferentes: português, castelhano, latim e tupi.

Além de inúmeros autos e poesias, deixou, ao morrer, dois grandes poemas: — “De Beata Virgine Dei Matre Maria, escrito, diz a tradição, em Iperoig, quando refém dos tamoios, por um voto que fêz a Nossa Senhora, por lhe conservar esta pureza no meio da brutalidade indígena. Escrevia-o na areia em hexâmetros famosos, que decorava para, depois, trasladar ao papel, quando voltasse aos seus.

O outro grande poema em latim é o “De Gestis Mendi Sâa”, já agora trasladado ao português, como o primeiro, e publicado pelo insigne humanista pe. Armando Cardoso, S.I., professor de Letras Clássicas em Friburgo, Estado do Rio, e ex-Provincial da Província Jesuítica do Brasil Central.

A paternidade dêsse grande poema sôbre as façanhas bélicas de Mem de Sá foi negada a Anchieta por ocasião da publicação do poema em português, em 1958. Mas a demonstração de Hélio Viotti, coadjuvado por Armando Cardoso, o tradutor, homem versado em história, convence plenamente. Disso não resta dúvida. (Cf. *Verbum*, junho de 1963, pág. 178-199.)

A poesia de Anchieta tinha, antes de tudo, uma intenção catequética. Era doutrinação em verso fácil para a inculcar melhor naquelas mentes rudes. Nas poesias em tupi êle infunde nos índios horror ao demônio, que sempre aparece como espírito perverso, ensinando a beber, a perjurar, a corromper, a trair o matrimônio, a desobedecer a Deus. O demônio sempre insinua aos índios que fujam dos missionários, mas o seu fim é a perdição e o castigo eterno. No fim de cada poesia ou comédia, o demônio sai vencido e malparado pelo poder da graça divina.

Poeta eucarístico, o pão e o trigo, o “grão dourado do celeste trival” é o seu *leitmotiv*. Anchieta tem a obsessão dos celeiros abarrotados. Ser poeta e ser missionário não são termos contraditórios. Que é ser poeta? — É ver as coisas diferentemente. É ser tocado de um estro. É aquêlê que sabe, pela beleza da forma, atingir a alma do leitor ou ouvinte com pensamentos que sensibilizam. É ter algo de insólito no mundo de dizer. É ser senhor do ritmo e da harmonia. É falar numa linguagem em que os homens só raramente falam: — linguagem figurada, simbólica, profunda, vívida e penetrante. É viver em permanente estado de graça (poético). Alguém que sabe suscitar o prazer estético.

Esse dom ninguém o pode negar a Anchieta. A maneira de Camões, êle é épico e lírico ao mesmo tempo. Os feitos de Mem de Sá são uma epopéia em sentido estrito. E o “De Beata Virgine” também, embora o assunto seja religioso.

Como poeta latino, tinha em mãos recursos invejáveis, certos dons únicos, maravilhosos. Pena é que nem todos estejam aptos, hoje, para romper essa crosta, que nos mostra um cerne delicioso. Com sua lira de quatro cordas sonoras (espanhol, português, latim e tupi) Anchieta achou sempre, nesses quatro idiomas, os termos próprios para a expressão dos seus pensamentos e sentimentos de predestinado das musas.

Quando da celebração do 4.º Centenário da cidade de São Paulo, Dona Maria de Lourdes de Paula Martins traduziu as peças anchietanas que estavam em tupi. Temos em mãos

a edição do Museu Paulista, 1954, *Poesias do Pe. José de Anchieta*, em quatro línguas. Volume de 833 páginas. Era diretor do Museu Paulista, a êsse tempo, o Dr. Herbert Baldus. Trata-se de uma publicação integral das poesias de Anchieta (fora os dois grandes poemas acima citados).

Muitas, talvez a maioria dessas composições, eram inéditas. Do Apóstolo do Brasil, Ven. Pe. José de Anchieta, só existiam publicados o “Poema da Virgem” em latim, na obra de Simão de Vasconcelos; *idem*, a “Arte da Gramática Tupi” e algumas poesias com o título de “Piae Laudes”, além de cartas em português e latim, diz Hélio Viotti. Inéditos até 1954 restavam não poucos dramas sagrados (autos e o poema latino sôbre os efeitos de Mem de Sá e a história dos jesuítas no Brasil. (Cf. Serafim Leite, I, 533.) O poema “De Gestis Mendi Sàa” foi traduzido e dado a lume no Brasil pelo pe. Armando Cardoso em 1958, Imprensa Oficial, Rio.

Em 1923, por iniciativa de Afrânio Peixoto, a Academia Brasileira de Letras publicou um pequeno volume intitulado, inexpressivamente, *Primeiras Letras*, cantos de Anchieta, contendo parte de sua produção poética em português e tupi. Estas últimas numa versão assaz infiel do padre João da Cunha.

Tais poesias foram colhidas em Roma, em 1863, de cópias manuscritas muito imperfeitas, por Franklin Massena, e são conservadas no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Outras estavam em poder do Barão de Arinos, que as cedeu a Melo Morais Filho. Êste as estampou em apêndice ao seu *Curso de Literatura Brasileira*, Rio, 1882.

A grande e fiel tradutora, porém, das poesias anchietanas, escritas em tupi antigo, foi D. Maria de Lourdes de Paula Martins, chefe da Secção de Documentação Lingüística do Museu Paulista. Desde 1948 que essa senhora, tupinóloga insigne, vinha editando, em português, peças anchietanas em bom número. Por último ela se abalançou ao trabalho de traduzir, transcrever e anotar tôdas as peças anchietanas para a edição do 4.º Centenário de São Paulo (cidade).

Com isso prestou, não há negá-lo, um inestimável serviço à cultura nacional. As poesias têm valor intrínseco e literário e são o pórtico de nossa Literatura, nascida em pleno século XVI, no meio da catequese. Essas poesias de Anchieta, postas hoje ao alcance de todos, são de grande valor para quem sabe avaliar o significado de uma literatura nascente.

Embora nem tudo seja ouro de lei, há, contudo, entre essas poesias, verdadeiras jóias literárias. Não obstante serem elas intencionais, versando um tema invariavelmente religioso e parenético, com elas o seu autor, verdadeiro poeta e humanista, logrou construir uma verdadeira e indiscutível obra de arte. A questão é sabê-las apreciar e analisar à luz do tempo em que foram produzidas. É diferente o sabor de uma poesia quinhentista do de uma poesia atual, quatro séculos de distância.

Todos os homens que se ocuparam, até hoje, com a origem do teatro no Brasil — historiadores, tupinólogos e literatos — têm voltado suas vistas, com interêsse e amor, para os autos e poesias de Anchieta, que eram feitas primordialmente para o palco.

Com a publicação das poesias completas de Anchieta, levada a cabo pelo Museu Paulista, sob rigoroso critério científico e com a maior objetividade, já podem os estudiosos de nossa Literatura colocar, no devido pedestal, como poeta lírico e dramático, êsse “canário” excepcional, que ajudou a nascer o Brasil.

Era êle, como diz Dom Aquino Corrêa:

“O Apóstolo audaz da floresta assombrada,

O angélico poeta das praias do mar. . .” Aquêle que as rendilhou, um dia, com espondeus frementes em Iperoig.

No Brasil, como poeta quinhentista, é ímpar, e, transcendendo as nossas fronteiras, mostrou-se Anchieta talvez o maior poeta latino da Renascença em todo o mundo. Não exageramos. O “De Beata Virgine Dei Matre Maria” é digno, pela sua perfeição técnica, da idade áurea da latinidade. Ovídio não o faria mais perfeito com a terminologia do Nôvo Mundo.

Sobre sua autenticidade não se pode duvidar. São da autoria de Anchieta. E estão no Archivum Romanum S.I. da Cúria jesuítica de Roma, donde foram fotocopiadas pelo jesuíta cearense pe. José da Frota Gentil em 1934 e trazidas para o Brasil.

Mas como e por que foram para Roma essas poesias e outros escritos de Anchieta, que viveu e morreu no Brasil? É que foram exigidos lá pela Sagrada Congregação dos Ritos em 1731 e 1733 para exame canônico em vista de sua beatificação. E não mais voltaram. Tal fato foi providencial, pois, não só na perseguição pombalina, que quis se destruisse o túmulo de Xavier na Índia, e destróçou tudo o que era deles (1760), mas até na perseguição maçônica de 1910, os seus arquivos foram arruinados, dispersos, perdidos e roubados pelos fautores da revolução.

Essas cópias autênticas de Anchieta foram enviadas da Bahia a 26 de agosto de 1730 pelo Arcebispo de Salvador, D. Luís Alves de Figueiredo, à Sagrada Congregação dos Ritos, em Roma.

Provinham do colégio dos jesuítas (Bahia) e o Bispo teve o cuidado de enviar todo êsse material a Roma, não de qualquer modo, mas “enfeixado em um volume envolto em sêda verde, perfeitamente fechado e lacrado com o carimbo de nossas armas claramente impresso em dois lugares”. (Cf. pref. da edição de 1954, pág. XXIII.)

As poesias em tupi, para quem devia examinar, por elas, a ortodoxia do servo de Deus, seriam, com certeza, um tropêço insuperável em Roma. As outras, não. Sobretudo a coleção que, já no Brasil, preparara para a estampa o pe. João Antônio Andreoni, jesuíta, o célebre Antonil, sob o título *El canarino del Cielo*, seleção de poesias em português e castelhano. Andreoni não chegou a publicá-las, como também não publicou Simão de Vasconcelos outra coleção de poesias latinas e portuguêsas, existentes no Colégio da Bahia, sendo o colecionador Vice-Reitor do Colégio. Existe uma carta do

provincial Manuel de Oliveira ao prepósito-geral, Múcio Vitelleschi, pedindo permissão para tais poesias se darem a lume. (Bras. 3 (1) 237.) Elas andaram manuscritas e dispersas muito tempo.

Todos os biógrafos de Anchieta a elas se referem uma e muitas vêzes. Simão de Vasconcelos, que as tencionava publicar, alude a êsse espólio na *Vida do P. José de Anchieta*, Lisboa, 1672, e na *Crônica da Companhia de Jesus*, Lisboa 1663; Pêro Rodrigues, outro biógrafo de Anchieta, 1596, também se refere à obra poética inédita do taumaturgo; Jorge Cardoso, no *Agiológico Lusitano*, 1566, e Quirício Caxa, 1598, na *Breve Relação*, de que é autor.

Muitas dessas poesias, conforme testemunho de coetâneos e protagonistas das encenações, se destinavam ao canto. Eram, portanto, musicadas. Anchieta tinha tendências musicais inatas, ou atávicas. Um parente seu, João de Anchieta, de Urrestilha, na Guipúscoa, era maestro da Capela Real e músico e dois irmãos de Anchieta, que eram sacerdotes, eram igualmente músicos.

Que tais poesias sejam de Anchieta, não resta dúvida, pelo conteúdo, meio ambiente e irrefragáveis testemunhos históricos. Foi, de fato, o único poeta desse primeiro século de brasilidade, se excetuarmos o trôpego Bento Teixeira, autor da indigesta *Prosopopéia*, título maior que o poema, impresso em Lisboa, em 1601, e cujo tema se prende à batalha de Alcácer-Quibir, onde pereceu o jovem e fogoso rei D. Sebastião, atingindo aqui e ali o Brasil.

Com a publicação das poesias completas de Anchieta, 357 anos depois de sua morte, ocorrida em Reritiba, Espírito Santo, a 9 de junho de 1597, realiza-se um grande sonho do passado, que atormentou vários de seus admiradores: — Manuel de Oliveira, Simão de Vasconcelos, João Antônio Andreoni, e outros.

Diante de obra tão magnífica, editada depois de tantos séculos de expectativa, bem podemos aplicar ao ilustre iniciador de nossas letras êstes conceitos de Olavo Bilac, o Príncipe da Poesia Brasileira:

*Mestre querido! viverás enquanto
Houver quem pulse o mágico instrumento
E preze a língua, que prezavas tanto:*

*E enquanto houver, num canto do Universo,
Quem ame e sofra e amor e sofrimento
Saiba, chorando, traduzir no verso!*

(“Via Láctea”, soneto XV, *Poesias Completas*, pág. 65.)

UMA POESIA DE ANCHIETA

(Notas e comentários de Aires de Montalbo.)

No volume *Poesias Completas* de Anchieta, página, 381, publicadas no IV centenário da cidade de São Paulo, em 1954, encontramos uma poesia intitulada “A Santa Inês”, que é verdadeiramente um mimo literário. Queremos apresentá-la aos leitores desta Revista pela primeira vez.

Com respeito ao seu quadro histórico, escreve o rev. padre Hélio Abranches Viotti ao autor destas notas, com data de 30 de maio de 1967:

— “Não há documento coevo que esclareça, apoditicamente, a época e a localização da poesia anchietana — “Cordeirinha linda”. Podem fazer-se conjeturas mais ou menos plausíveis. A composição que, no *Opp NN* — 24 (Livrinho de várias poesias), aparece sem título especial, foi intitulada pelo pe. Andreoni em *Opp. NN* — 23 (Canarino del cielo) da seguinte maneira: “A Santa Inês, na vinda de sua imagem”.

Encontra-se, no primeiro códice, enquadrada pelas seguintes composições: “Não há coisa segura” (de 1565?) e “Como vem guerreira”, que a antecedem e “Pués paristeis a Diós vivo” e “El que muere en el pecado”, esta última certamente escrita em São Vicente ao redor do ano de 1580.

Pertence ao primeiro dos cadernos (quatro pelo menos) de que se completou o livrinho.

Tudo leva a crer que tenha sido composta pelos anos de 1575 — 1577 em São Vicente. Nesta Capitania, como se infere da *Genealogia Paulistana*, foi muito comum o nome de *Inês* desde o século do Quinhentos, o que parece confirmar o culto aqui prestado à mártir romana.

A chegada da imagem coincidiria com a volta da navegação do Reino, interrompida por dois anos, após 1573. Os primeiros navios chegados reabasteceram São Vicente de azeite, vinho e trigo... o trigo “nôvo” do Alentejo!

Eis a quanto chega, até hoje, o meu conhecimento. Escuse e receba um fraterno abraço, etc.

Aí temos, dado por um especialista na matéria, o quadro histórico bem provável, onde se localiza esta bela poesia. Vejamos agora as estrofes anchietanas:

1.^a

*Cordeirinha linda,
como folga o povo,
porque vossa vinda
lhe dá lume nôvo!*

2.^a

*Cordeirinha santa,
de Jesus querida,
vossa santa vinda
o diabo espanta.*

3.^a

*Por isso vos canta
com prazer, o povo,
porque vossa vinda
lhe dá lume nôvo.*

4.^a

*Nossa culpa escura
fugirá depressa,
pois vossa cabeça
vem com luz tão pura.*

5.^a

*Vossa formosura
honra é do povo,
porque vossa vinda
lhe dá lume nôvo.*

6.^a

*Virginal cabeça,
pela fé cortada,
com vossa chegada
já ninguém pereça.*

7.^a

*Vinde mui depressa
ajudar o povo,
pois com vossa vinda
lhe dais lume nôvo.*

8.^a

*Vós sois cordeirinha
de Jesus, formoso,
mas o vosso espôso
já vos fêz rainha.*

9.^a

*Também padeirinha
sois do nosso povo,
pois com vossa vinda
lhe dais lume nôvo.*

10

*Não é d'Alentejo
êsse vosso trigo,
mas Jesus amigo
é vosso desejo.*

11

*Morro porque vejo
que êste nosso povo
não anda faminto
dêsse trigo nôvo.*

12

*Santa padeirinha,
morta com cutelo,
sem nenhum farelo
é vossa farinha.*

13

*Ela é mezinha
com que sara o povo
que, com vossa vinda,
terá trigo nôvo.*

14

*O pão que amassastes
dentro em vosso peito,
é o amor perfeito
com que a Deus amastes.*

15

*Dêste vos fartastes,
dêste dais ao povo,
porque deixe o velho
pelo trigo nôvo.*

16

*Não se vende em praça
êste pão da vida,
porque é comida
que se dá de graça.*

17

*Ó preciosa massa!
Ó que pão tão nôvo
que, com vossa vinda,
quer Deus dar ao povo!*

18

*Ó que doce bôlo,
que se chama graça!
Quem sem êle passa
é mui grande tolo.*

19

*Homem sem miolo
qualquer dêste povo,
que não é faminto
dêste pão tão nôvo!*

(José de Anchieta, S.J., *Poesias*, pág. 381,
São Paulo, 1954.)

Esta poesia ainda se alonga com mais cinco estrofes de ritmo diferente. Daí por diante era cantada em procissão. Não citamos essa última parte, porque não tem tanto valor literário e nada acrescenta, em beleza, ao que ficou dito. Geralmente os autores a citam até aqui.

Comentário: — Cordeirinha linda (1.^a estrofe), alusão ao nome dela — Agnes; — linda, pois morreu ainda adolescente com 12 anos. Foi martirizada em Roma, por ordem do

prefeito Sinfrônio, século IV. Primeiro foi lançada ao fogo, que se extinguiu. Depois, morta à espada. Festa, a 21 de jan.

Lume nôvo — alegria, páscoa, ressurreição espiritual.

Estrofe 2.^a: “Vossa santa vinda o diabo espanta.” Tange para longe, faz correr espavorido; desaloja-o.

Estrofe 4.^a: “Nossa culpa escura fugirá depressa.” *Escura*, porque afeia a alma; o pecado é algo de tenebroso, horroroso, mas a cabeça da santa virgenzinha vem espalhando luz pura nessa escuridão tartárea.

— Virginal cabeça, cortada pela fé, (estrofe 6.^a). Alusão ao gênero de martírio por ela padecido. Já ninguém pereça diante de tal protetora; pereça, ou se perca eternamente, ou morra sem socorro espiritual.

Estrofe 8.^a: “O vosso espôso, Jesus, já vos fêz rainha.” Conceito cristão: os que vão reinar com Cristo na Glória. Rainha, com uma dupla coroa: da virgindade e do martírio. Agora, com Ele ela reina nos Céus.

“Também padeirinha...” Delicada imagem. Ela faz o pão e o distribui ao povo (estrofe 9.^a). Se ela vem com o trigo do Reino, é porque sabe muito bem o que deve fazer dêle. É uma padeirinha, que traz pão à gente.

Estrofe 10: “Não é do Alentejo êsse vosso trigo.” Convém distinguir: o trigo que ela traz é o eucarístico, alimento da alma.

Estrofe 11: “Morro porque vejo” etc. Morro, isto é, desgosto-me profundamente ao ver que êste povo rude não tem fome do pão divino, que dá a vida eterna.

Estrofe 12: “Santa padeirinha, morta com cutelo ..” Referência à morte de Inês, pela espada do algoz. “Sem nenhum farelo é vossa farinha.” Insiste na imagem da padeirinha santa, que lida com massa pura, sem farelo, ou impureza, detritos indesejáveis. Farinha própria do pão eucarístico.

Estrofe 13: “Êste pão, oferecido por ela, é remédio, ‘mezinha’, que cura os males do corpo e da alma. É o *phármakon ceternitatis*” da linguagem patrística.

Estrofe 14: — “O pão que amassastes . . . é o amor perfeito, que tendes em vosso peito.” A imagem passa de material

(pão) a imaterial (amor), que se manipula não mais numa concha qualquer, mas no peito, ou seja, no coração. Salto lírico formidável.

Estrofe 15: “Por que deixe o velho pelo trigo nôvo.” Dêste pão, de que já vem farta, ela dá ao povo, com abundância, para que deixe o trigo velho, isto é, o fermento velho do pecado e da miséria, pelo trigo nôvo — alimento celestial.

Estrofe 16: “Não se vende em praça êste pão da vida . . . Pois se dá de graça.” Êste pão da vida, descido do céu, não se compra em mercado público, pois é alimento sagrado, que se dá de graça aos que o merecem: daí o seu nome — eucaristia, *gratis data*.

Estrofe 17: “Ó preciosa massa, ó que pão tão nôvo!” Imagem bem material (massa), pão *nôvo*, que não existia antes de aqui chegarem os arautos de Cristo. É uma preciosa dádiva, que chega à terra brasílica através de Inês.

Estrofe 18: “Ó que doce bôlo . . . que se chama graça!” Imagem materializada em *bôlo*, para ser bem compreendida pelos rudes neófitos, pouco afeitos a conceitos elevados. Só assim o poderiam entender. O homem que não deseja participar da eucaristia — pão que dá a vida sobrenatural, não tem cabeça, nem juízo, é um tolo de marca maior.

Estrofe 19: “Homem sem miolo é aquêle dentre o povo, que não é faminto dêste pão tão nôvo . . .”

Anchieta inui a idéia de falta de juízo, de *sã razão* daquele que, por negligência, ou incúria, não quer participar de um alimento tão bom, tão saboroso, tão vivífico como o pão que ora lhes é oferecido, na vinda de Santa Inês. Quem não sentir veemente desejo de tão excelente iguaria, não passa de um desassisado, sem miolo, de um tolo, um ser digno de compaixão . . .

Êste é o sentido desta bela poesia anchietana: o mais é claro, para um cristão, como um arroio cristalino.

Laus Deo

Fortaleza, 1967